

# QUESTÕES DE SEMÂNTICA TEMPORAL NOS PROGRAMAS DE PORTUGUÊS DO ENSINO SECUNDÁRIO

*Fátima Oliveira, Luís Filipe Cunha\*, Idalina Ferreira, Purificação Silvano\*, António Leal\*, Fátima Silva, Joaquim Barbosa\**

## 1. Introdução

O presente trabalho constitui uma reflexão sobre a importância do contributo do conhecimento semântico para o ensino do Português. Assim, começaremos por apresentar uma sucinta crítica aos Programas de Português do Ensino Secundário, evidenciando seguidamente a necessidade de um maior aprofundamento do domínio de diversos tópicos estudados pela Semântica, em particular a Frásica, com o objectivo de melhor compreender a forma como se processa a estruturação textual/discursiva, objecto privilegiado dos referidos programas. Neste sentido e para ilustrar algumas das observações feitas, apresenta-se, embora de forma breve também, a análise de aspectos temporais e aspectuais e de referência nominal de um excerto de *Felizmente Há Luar!*, de Luís Sttau Monteiro, evidenciando a necessidade do contributo da Semântica para a interpretação global de um texto.

## 2. Breve Análise do papel do Funcionamento da Língua nos Programas

O Programa de Português para o Ensino Secundário estipula como competências a desenvolver a Compreensão e Expressão Oral, a Escrita, a Leitura e o Funcionamento da Língua. Contudo, embora esta última competência seja apresentada autonomamente, destaca-se a sua transversalidade em relação aos restan-

---

\* Este trabalho teve o apoio da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (POS\_C- Desenvolver Competências – Medida 1.2.).

\* Os autores do artigo são investigadores do Centro de Linguística da Universidade do Porto (Unidade de I&D financiada pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, Programa FEDER/POCTI - U0022/2003).

tes domínios. De facto, logo na “Introdução” é sublinhada, da seguinte forma, a importância do seu desenvolvimento:

Em suma, de acordo com os «Princípios Orientadores da Revisão Curricular» este programa visa “assegurar que todos os alunos, independentemente do percurso escolhido, desenvolvam e aprofundem o seu domínio da língua portuguesa através do conhecimento explícito das suas estruturas e funcionamento.” (p.3)

O conhecimento metalinguístico e a consciência linguística que se pretende que os alunos adquiram resultarão de um estudo sistemático, aprofundado e reflexivo sobre a língua aliado necessariamente à prática, de acordo com uma das Finalidades e um dos Objectivos enumerados no Programa. A abrangência dos efeitos do conhecimento linguístico e da consciência linguística torna-se mais clara a partir da seguinte citação do *Programa de Português para o Ensino Secundário*:

O conhecimento metalinguístico e a consciência linguística desempenham um papel importante pelos seus objectivos instrumentais, atitudinais (promoção da auto-confiança linguística dos alunos e das atitudes de tolerância linguística e cultural – que concorrem directamente para o desenvolvimento da competência *formação para a cidadania*) e cognitivos. (p.26)

Ainda neste Programa, o capítulo acerca da “Avaliação” define a reflexão sobre as regras de Funcionamento da Língua e a utilização consciente dos conhecimentos adquiridos sobre o sistema linguístico como dois critérios avaliativos fundamentais.

Para além disso, um dos objectivos subjacentes à inscrição do Funcionamento da Língua em todas as outras componentes é o de desenvolver a capacidade comunicativa dos alunos que deverá aplicar-se não só à Expressão Escrita e à Leitura, como o programa refere, mas também os domínios da Compreensão e da Expressão oral. Ora, de acordo com o Programa, a competência comunicativa encerra em si a competência linguística, discursiva/textual, sociolinguística e estratégica e caracteriza-se por vários níveis interligados, a saber, os níveis semântico, pragmático, lexical, sintáctico e fonológico. Contudo, neste ciclo de estudos, assume-se o privilégio da análise semântica e pragmática do discurso sobre outras áreas, alicerçada em conhecimentos explícitos, e supostamente já adquiridos, sobre o funcionamento prosódico e morfossintáctico da língua.

A organização dos conteúdos procura reflectir esta distribuição entre o que os alunos devem aprender e o que já deveriam ter aprendido. Assim, distinguem-se conteúdos previsíveis e potenciais. No capítulo “Gestão do Programa”, afirma-se que os conteúdos previsíveis, a leccionar, dizem respeito às dimensões semântica

e pragmática da linguagem, estando sobretudo orientados para uma Gramática de Texto. Dos conteúdos potenciais, a serem leccionados apenas se não estiverem bem consolidados pelos alunos, faz parte uma Gramática de Frase que inclui a Morfologia, a Sintaxe e o Léxico, nos quais assentam a Semântica e a Pragmática.

Uma tal divisão merece-nos alguns comentários. Na nossa opinião, esta compartimentação não está suficientemente fundamentada e os itens apresentados nas sequências de ensino-aprendizagem não parecem estar de acordo com a explicação dada. Por exemplo, nas sequências do 10º Ano, os conteúdos aparecem, de facto, de acordo com as indicações da “Gestão”, mas nos anos seguintes, 11º e 12º, os conteúdos potenciais passam a ser também os previsíveis do 10º ano, isto é, aqueles que remetem apenas para uma Gramática de Texto. Para além disso, a terminologia usada para distinguir o estudo linguístico do texto do da frase não se nos afigura muito produtiva.

Alguns dos reparos feitos serão ilustrados através de uma observação mais atenta sobre o que é dito em relação à Semântica. Assim, começamos por notar que parece haver alguma confusão no que diz respeito a este domínio. Com efeito, no Programa, a Semântica surge apenas relacionada com a Gramática de Texto, não sendo feita uma distinção sistemática e precisa entre Semântica Lexical e Semântica Frásica, diferenciação essa que, em nosso entender, deveria ser estabelecida de forma clara. Na verdade, o uso desta terminologia só se verifica em dois momentos: nos conteúdos potenciais do 11º ano (“Consolidação dos itens de Semântica lexical e frásica...”) e nos conteúdos declarativos dos 10º e 11º anos. Por outro lado, os itens semânticos que remetem para uma Gramática de Frase aparecem frequentemente nos conteúdos previsíveis que supostamente estariam mais ligados a uma Gramática de Texto. Sublinhe-se, a título exemplificativo, que, na primeira sequência de ensino-aprendizagem do 11º ano, o conteúdo *estruturas lexicais*, que está inserido nos conteúdos previsíveis, deveria comparecer nos conteúdos potenciais, tanto mais que é já um tópico do 3º ciclo.

Considerando a relevância da Semântica Frásica na interpretação do sentido do texto, eleito como objecto de estudo principal, pensamos que o Programa globalmente não lhe atribui a projecção necessária. Defendemos, por exemplo, que, no 10º ano, um ano de início de ciclo, a Semântica Frásica deveria ter um enfoque maior, dado que, como se pode concluir da leitura do quadro I, é pouco estudada.

	<b>Conteúdos previsíveis</b>	<b>Conteúdos potenciais</b>
<b>10º ano</b>	- Referência deíctica: Deixis (pessoal, temporal, espacial); Anáfora e co-referência.	-----
<b>11º ano</b>	- Expressões nominais: Valor dos Adjectivos; Valor das orações relativas; Valores referenciais. - Tempo, aspecto e modalidade.	Consolidação dos itens de Semântica Frásica.
<b>12º ano</b>	-----	Consolidação dos conteúdos do 10º e 11º anos.

**Quadro I. Conteúdos da Semântica Frásica no Ensino Secundário**

Já nos referimos à importância que é dada nos Programas de Português à aprendizagem e à reflexão sobre a língua. Notámos, porém, que existe uma discrepância entre esse interesse e a pouca discriminação dos conteúdos adoptados. No que à Semântica Frásica diz respeito, consideramos que o tópico “Tempo, Aspecto, Modalidade” é demasiado vago e pode, em contexto escolar, originar equívocos nocivos. Por outro lado, o tópico “Valor semântico da estrutura frásica” é referido nos conteúdos declarativos do 10º ano e é completamente esquecido na divisão dos conteúdos pelas sequências de aprendizagem.

Assim, defendemos que um maior desenvolvimento destes temas deve ser fundamentado num conhecimento mais aprofundado de diferentes vertentes da Semântica Frásica.

## **2. O Papel da Semântica Frásica**

Quando comunicamos uns com os outros, quer oralmente, quer por escrito, uma das preocupações fundamentais é a de que o que dizemos tenha significado e que este possa ser reconhecido e interpretado. Ora, como uma parte considerável dos nossos enunciados não é constituída por uma só palavra, torna-se relevante perguntarmo-nos como se constrói o significado numa frase ou num texto. É certo que, durante muito tempo, o estudo semântico-linguístico esteve associado ao estudo do significado das palavras e só muito mais tarde, nos anos sessenta do século vinte, se equacionou o estudo de unidades significativas mais vastas. Uma parte considerável da investigação semântica centra-se no estudo do significado que se constrói em grupos de palavras e em frases, a partir de expressões mais elementares, levando a considerar que o significado do todo é uma função do significado das suas partes e da forma como estão associadas, o que constitui um princípio fundador da Semântica Frásica, o princípio de composicionalidade. Este alargamento

permitiu concluir que o significado de uma palavra é só claramente compreendido no quadro de, pelo menos, uma frase e que as relações que se estabelecem entre os diferentes tipos de palavras (lexicais e funcionais) quer no âmbito da frase quer em sequências de frases que constituam um texto são cruciais para apreender de forma mais completa o que é o significado linguístico.

A compreensão de um texto envolve diferentes tipos de conhecimentos e de competências, mas um texto é sempre, em primeiro lugar, materialidade linguística e, por isso, o seu estudo implica inevitavelmente a contribuição da investigação em diferentes domínios da Linguística. Neste sentido, várias questões estudadas em Semântica podem contribuir de forma muito relevante para o estudo de um texto. Neste sentido, observem-se, ainda que sucintamente e a título exemplificativo, algumas dessas questões.

Para compreendermos de modo adequado o significado de uma palavra como *correr*, é importante saber que se trata de um verbo de movimento, mas também que, por isso mesmo, tem uma estrutura argumental própria, sendo atribuídos papéis temáticos a cada um dos argumentos que selecciona. Tipicamente, com este verbo, o argumento em posição de sujeito é um agente, tal como o contraste entre (1) e (2) ilustram. No entanto, há casos em que é possível que o não seja, como o exemplo (3) revela:

- (1) *O Rui* correu durante duas horas.
- (2) \* *A cadeira* correu durante duas horas.
- (3) *O programa* correu durante duas horas.

Estas distinções fazem parte do conhecimento lexical que é fundamental e que, como os exemplos acima demonstram, pode influenciar a boa ou má formação de uma frase. Por isso, é crucial distinguir e articular claramente as duas áreas da Semântica, a Lexical e a Frásica.

A selecção de artigos é outro caso ilustrativo. No Português Europeu, há artigos definidos e indefinidos (e também ausência de artigo), mas seleccionarmos um ou outro não é indiferente quanto ao significado que se produz, pois, se a definitude e unicidade associadas ao definido (no singular) permitem uma única interpretação (veja-se (4)), já o indefinido no mesmo contexto (opaco ou intensional), criado pelo futuro, permite duas interpretações: uma em que *um livro* é específico, com uma leitura equivalente a *há um certo livro que vou comprar*, e uma outra em que *um livro* é não específico, não se sabendo sequer se a compra se efectiva, porque se mantém no escopo do futuro.

- (4) Vou comprar *o livro*.
- (5) Vou comprar *um livro*.

Não falando da complexidade que o plural envolve, mostramos, na frase

(6), um pequeno exemplo de como o plural morfológico pode divergir do plural semântico.

(6) Todos os alunos requisitaram *um livro* na biblioteca.

Esta frase apresenta também duas leituras, que podem ser evidenciadas pela forma como se constitui a anáfora em (7) e em (8). Numa primeira leitura, *um livro*, formalmente no singular, corresponde a um plural semântico em virtude de se encontrar no escopo do quantificador *todos*, havendo neste caso tantos livros quantos os alunos, como se pode constatar em (7), o que origina uma leitura distributiva do quantificador.

(7) Todos os alunos requisitaram *um livro* na biblioteca e levaram-no(s) para casa.

Numa segunda leitura, podemos estar perante um único livro, acarretando uma leitura colectiva do quantificador, como se pode ver na frase (8):

(8) (Todos) os alunos requisitaram *um livro* na biblioteca e leram-no em conjunto.

A influência dos tempos verbais é também significativa na interpretação plena das frases e dos textos. O contraste entre (9) e (10) não é uma mera diferença de tempo verbal. Em (9) estamos perante uma situação episódica em virtude de o Pretérito Perfeito combinado com um evento como *fumar* manter a sua natureza aspectual básica, enquanto a interpretação de (10) tem subjacente uma multiplicidade de eventos do mesmo tipo que permite a leitura genérica desta frase. O Presente do Indicativo, neste caso, não constitui fundamentalmente um tempo mas uma espécie de operador aspectual que transforma a leitura de *fumar* num estado derivado de tipo habitual, o que possibilita a construção de frases genéricas caracterizadoras que podem ter, em posição de sujeito, desde um nome próprio a um termo de espécie. Assim, não é indiferente a classe aspectual de base nem o tempo verbal utilizado para a interpretação do significado destas frases, questões que se multiplicam e enriquecem quando estamos perante um texto.

(9) O Rui *fumou*.

(10) O Rui *fuma*.

Estes exemplos muito simples mostram como a construção do significado está dependente de muitos factores que vão desde palavras lexicais (caso de *correr* e de *fumar*), a palavras funcionais (caso dos artigos) ou até a morfemas (como o dos tempos verbais).



Este texto combina uma linearidade que vai do passado até ao futuro com uma circularidade que se inicia em torno da personagem Matilde, se alarga à generalidade das mulheres, para retornar à enunciadora do monólogo. Efectivamente, Matilde inicia este monólogo reflectindo sobre factos da sua vivência anterior, passando progressivamente para considerações acerca da condição da mulher, do seu destino, das suas preocupações, dos seus receios e da forma como lida com as suas expectativas e com as dos que lhe são próximos. Estas reflexões gerais reconduzem-na ao seu caso concreto, mas desta vez motivada para uma acção futura que, na sua perspectiva, se impõe. Esta interpretação do monólogo sobre o processo reflexivo da personagem é fundamentada em critérios linguísticos, em particular temporo-aspectuais e de deixis pessoal, e conduz a uma divisão do texto em três partes.

Assim, num primeiro momento – linhas 5 e 6 – deparamo-nos com a expressão de situações no Pretérito Perfeito, o que, conjugado com o recurso à primeira pessoa do singular, por um lado, atribui um carácter episódico às eventualidades, e, por outro, confere um tom intimista ao texto. A passagem para um segundo momento começa por se fazer através da alteração do tempo gramatical, que passa a ser o Presente associado a predicções estativas (cf. linha 7). Em consequência, as eventualidades passam a descrever situações de âmbito mais geral sem uma delimitação temporal precisa. No entanto, mantém-se ainda a primeira pessoa do singular, pelo que esta frase funciona como elo de transição da primeira para a segunda parte.

A construção impessoal “É o destino de todas as mulheres” marca o início de um segundo momento (cf. linhas 8-29) pois, para além de se manter a utilização do Presente associado à estatividade, é abandonada a flexão verbal na primeira pessoa do singular. Introduce-se a primeira pessoa do plural (“Temos um filho, queremos superar-nos...”), que, juntamente com a quantificação universal sobre o nome *mulheres*, determina a mudança do realce de uma personagem feminina em particular para o conjunto das mulheres em geral. Todos estes elementos linguísticos contribuem para a representação da genericidade através de uma série de frases genéricas caracterizadoras que a personagem Matilde utiliza para descrever os aspectos fundamentais que definem a vida de todas as mulheres, como, por exemplo, em “chega-nos o homem a casa”, “despertamos a meio da noite” ou “queremos dar-lhe a mão, ver o que ele vê”.

É interessante observar que a última frase da segunda parte se constitui, de forma muito subtil, como uma transição para a terceira parte através, por um lado, da utilização do adverbial temporal “um dia”, que parece marcar uma ruptura em relação à sequência anterior, e, por outro, da primeira ocorrência de um verbo no Futuro (“iremos”), que prenuncia a mudança da esfera temporal.

A terceira parte (linhas 30-36) inicia-se com uma adversativa que estabelece o primeiro contraste com a secção anterior, “mas é preciso começar!”, completando,

através da projecção para uma atitude dinâmica, as frases que ficaram em suspenso nessa segunda parte e que intensificavam, pelo seu carácter repetitivo, a descrição de um estado de ânimo: “...não sei / sabemos por onde começar.”. Ressurge a primeira pessoa do singular, marcada explicitamente pelos pronomes “eu”, “mim” e “me”, o que significa a recolocação em evidência da vivência pessoal da personagem Matilde.

No que diz respeito à temporalidade nesta terceira parte, as situações caracterizam-se pela alteração do domínio do presente para o do futuro e pela introdução, em paralelo, de valores modais. A ilustrar o primeiro aspecto apontado, encontramos formas como “vou enfrentá-los” e “ele há-de ouvir”. No que se refere ao segundo, registem-se os verbos no Condicional e no Conjuntivo em frases condicionais e a ocorrência do advérbio “talvez” que introduz o Presente do Conjuntivo. Constrói-se, assim, um domínio do não realizado através, ora de uma realidade alternativa expressa pelo conteúdo das frases condicionais, ora de uma projecção das situações para o futuro, veiculada pelas perífrases verbais que projectam as eventualidades para um tempo posterior ao momento de enunciação.

Esta análise, ainda que sumária, evidencia que forma e conteúdo se interligam indissociavelmente na construção/ interpretação de um texto e que, no exemplo tratado, essa relação é fortemente condicionada por factores semânticos como o Tempo, o Aspecto e a Referência Nominal. Na verdade, são os contrastes manifestados pelos tempos verbais, que veiculam também contrastes aspectuais (de carácter básico ou derivado) que, associados à diferença de utilização das formas pronominais, marcam claramente a distinção entre as três partes que constituem o texto analisado, conferindo-lhe o carácter circular que o caracteriza, na medida em que se retoma a primeira pessoa e situações episódicas a ela associadas, embora divergentes das da parte inicial do texto por os tempos verbais serem diferentes.

O contributo da Semântica Frásica para a estruturação e compreensão deste monólogo não se esgota, no entanto, nestes recursos linguísticos, pois outros, nomeadamente os definidos, poderiam ser considerados de forma profícua no âmbito da compreensão deste excerto.

A produtividade do tratamento destas questões no monólogo analisado e das que reflectem os casos ilustrados no ponto 2. evidencia o papel relevante que a Semântica Frásica desempenha, não só enquanto domínio específico de descrição linguística, mas também como domínio de interface com outras áreas de análise linguística. Nesse sentido, justificam a nossa insistência inicial na necessidade de uma maior e mais adequada discriminação dos conteúdos da Semântica Frásica nos *Programas de Português do Ensino Secundário*, bem como da sua efectiva e fundamentada exploração, na medida em que, como ficou claro ao longo deste trabalho, a Semântica Frásica contribui de modo significativo para o desenvolvimento da competência linguística e textual/discursiva dos alunos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Cunha, Luís Filipe, 2005, “Frequência vs. Habitualidade: Distinções e Convergências” in *Actas del XXXV Simpósio Internacional de la Sociedad Española de Lingüística*, León, SEL, 2006, pp. 333-357 (disponível on-line em <http://www3.unileon.es/dp/dfh/SEL/actas/Cunha.pdf>).
- Cunha, Luís Filipe, 2004, *Semântica das Predicações Estativas: para uma Caracterização Aspectual dos Estados*, Dissertação de Doutoramento, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Dionísio, Maria de Lourdes & Rui Vieira de Castro (orgs), 2005, *O Português nas Escolas, Coimbra, Almedina*.
- Fonseca, Fernanda Irene, 1984, “Para o estudo das relações de tempo no verbo em português” *Boletim de Filologia*, XXIX, pp. 405-420.
- Fonseca, Fernanda Irene, 1992, *Deixis, Tempo e Narração*, Porto, Fundação Eng. António de Almeida.
- Krifka, M. et al, 1995, “Genericity, an Introduction” in G. Carlson & F. Pelletier (orgs) *The Generic Book*, Chicago, the University of Chicago Press, pp. 1-125.
- Mateus, Maria Helena et al, 2003, *Gramática da Língua Portuguesa*, Lisboa, Editorial Caminho, 5ª Edição, revista e aumentada.
- Monteiro, Luís de Sttau, 2006, *Felizmente Há Luar!*, Areal Editores.
- Oliveira, Fátima, 1992, *Algumas Questões Sobre Tempo e Aspecto*, Cadernos de Semântica, Nº 9, Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Oliveira, Fátima, 1997, “Frases Genéricas” in *Sentido que a Vida Faz – Estudos para Óscar Lopes*, Porto, Campo das Letras, pp. 745-755.
- Oliveira, Fátima & Ana Lopes, 1995, “Tense and Aspect in Portuguese” in R. Thieroff (org.), *Tense Systems in European Languages*, Vol. II, Tübingen, Niemeyer, pp. 95-115.
- Seixas, J. et al, 2002, *Programa de Português para o Ensino Secundário*, Ministério da Educação.
- Silvano, Purificação, 2003, “A questão semântica da subordinação temporal em frases complexas com completivas finitas e não finitas” in *Actas do XIX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Faculdade de Letras da Universidade do Porto  
Centro de Linguística da Universidade do Porto

foliveir@netcabo.pt  
l.f.cunha@netcabo.pt  
idaferreira@netcabo.pt  
puri\_silvano@hotmail.com  
antonio\_leal@iol.pt  
mhenri@letras.up.pt  
jbarbosa@letras.up.pt